

Biblioteca Vida e Missão

Bíblia

- nº 1 - Instrumentos para o estudo da Bíblia

Celebrações

- nº 1 - Natal, cantos e contos

Documentos

- nº 1 - Plano para a Vida e Missão da Igreja
- nº 2 - Eleições 1994

Metodismo

- nº 1 - As marcas básicas da identidade metodista

Ministérios

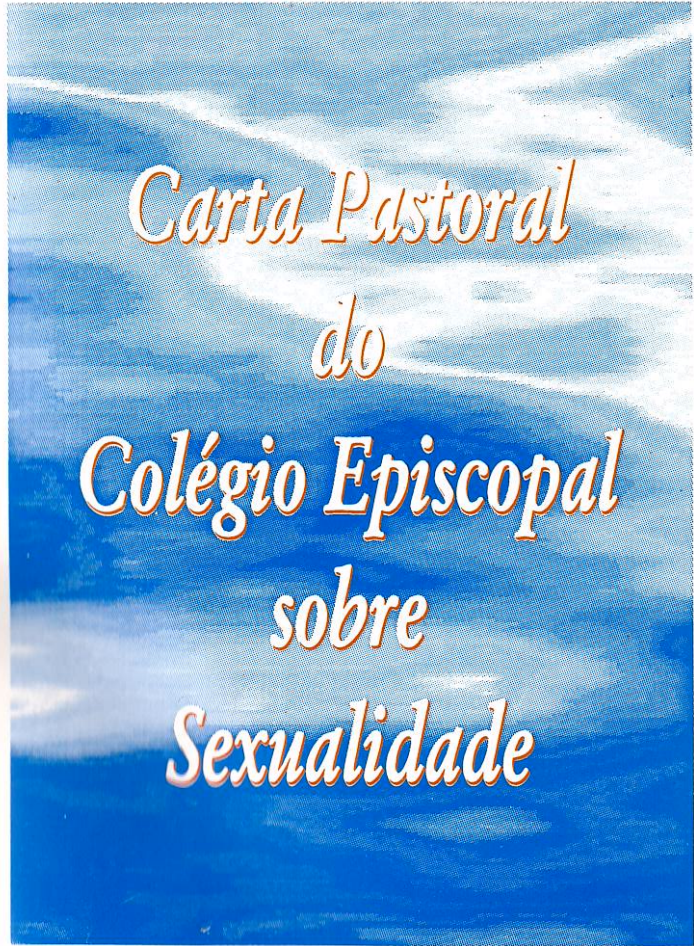
- nº 1 - Os juvenis/Descobrimos um grupo de jovens
- nº 2 - AIDS: Desafio pastoral e solidariedade
- nº 3 - Estive preso e foste ver-me (manual prático para o ministério cristão carcerário)

Pastorais

- nº 1 - Carta pastoral sobre o Batismo
- nº 2 - Carta pastoral sobre a Ceia do Senhor
- nº 3 - Carta pastoral sobre sexualidade

BIBLIOTECA VIDA E MISSÃO

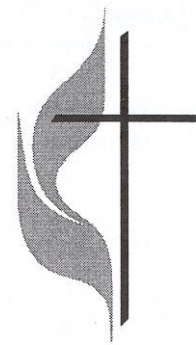
BÍBLIA
METODISMO
DOCUMENTO
CELEBRAÇÕES
MINISTÉRIOS
PASTORAIS



Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre Sexualidade

IGREJA METODISTA
COLÉGIO EPISCOPAL

Carta pastoral do
Colégio Episcopal sobre
sexualidade



Biblioteca Vida e Missão/Pastorais - nº 3

1997

Carta pastoral do Colégio Episcopal sobre sexualidade

Colégio Episcopal

Adriel de Souza Maia
Geoval Jacinto da Silva
João Alves de Oliveira Filho
Paulo Ayres Mattos
Paulo Tarso de O. Lockmann
Richard dos Santos Canfield
Rozalino Domingos
Stanley da Silva Moraes

Editor nacional

Nelson Luiz Campos Leite
Coordenação Nacional de Ação Docente
Lúcia Leiga de Oliveira

Copy-desk

Lenise Lantelme

Capa e projeto gráfico

Luiz Carlos Ramos

Editoração

Maria José Oliveira

Pedidos e vendas

Imprensa Metodista

Av. da Liberdade, 655
São Paulo SP 01503-010
Telefone: (011) 278-6388

Sede Geral da Igreja Metodista

Rua Espírito Santo, 1989
Belo Horizonte MG 30160-032
Telefone: (031) 275-3351 Fax: (031) 275-3008

Sumário

Apresentação	5
Introdução	9
por que falar sobre sexualidade?	9
O que é sexualidade	13
mulher frágil x homem forte	15
diferenças e desigualdades entre os sexos	16
O que a Bíblia nos fala sobre sexualidade	19
a sexualidade no Antigo Testamento	19
a sexualidade no Novo Testamento	22
Como a sexualidade se manifesta nos diferentes momentos da vida humana....	25
infância	25
adolescência	28
juventude	29
idade adulta	30
terceira idade	31
Algumas pistas pastorais.....	33
Bibliografia.....	37

Apresentação

O Colégio Episcopal da Igreja Metodista, através do lançamento desta pastoral sobre sexualidade, começa a resgatar uma dívida histórica com a comunidade metodista, pois é grande a expectativa em torno destes subsídios para a vida docente da nossa comunidade de fé e serviço.

Falar em sexualidade é falar sobre a vida no sentido mais amplo da palavra. O salmista comovido com a beleza e sobretudo com a exuberância do plano criador de Deus expressou: "... pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe. Graças, te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem..." (*Sl 139.13-15*).

Assim sendo, a sexualidade deverá ser entendida numa perspectiva totalizadora do ser humano. A sexualidade não é parte isolada, mas elemento que integra toda a personalidade de homens e mulheres.

Com esta pastoral, esperamos que o tema, de tão alta relevância, seja refletido da forma mais concreta possível. Não se pode estudar a questão da sexualidade de forma isolada ou fragmentada. A leitura da realidade interna da Igreja aponta a

urgentíssima necessidade de uma postura pastoral educativa sobre o tema. Lamentavelmente, quando a questão sexual é abordada, pode-se fazer uma leitura incorreta ou inadequada, ou até mesmo passar de largo.

Nesse contexto, nossa postura docente precisa ser autêntica. Ela objetiva preparar, de forma cristã, os fiéis para viverem a realidade segundo o Espírito.

Por exemplo, está claro para nós, bispos da Igreja, bem como para as lideranças pastorais que boa parte dos jovens já adentra na vida conjugal com experiência sexual com seu parceiro ou parceira. As estatísticas estão aí para comprovar esta afirmativa. Também temos consciência de que muitos são forçados a casar antes do prazo planejado em virtude de gravidez não programada.

Lideranças religiosas de todos os níveis e tendências (carismáticos, pentecostais, conservadores, liberais, etc.) estão volta e meia enfrentando, no âmbito de suas igrejas, a questão da disciplina eclesiástica por causa de questões sexuais. Bate fortemente à porta da Igreja a questão da AIDS, do homossexualismo, do aborto, das drogas, entre outros. Situações que exigem da comunidade de fé e serviço uma postura pastoral orientadora e educativa.

Felizmente, chega até nossas igrejas e segmentos pastorais este texto: Carta pastoral do Colégio Episcopal sobre sexualidade. Faz-se necessário

orientar e educar para o amor e, conseqüentemente, para uma expressão sadia e libertadora da sexualidade.

Evidentemente, esta carta pastoral não esgota a profundidade do tema. Na realidade, são subsídios, reflexões e diretrizes para nossa comunidade. No tempo oportuno, outros textos, tratando por exemplo de afetividade, planejamento familiar, sexo antes do casamento, violência sexual, aborto e homossexualismo, serão encaminhadas ao povo metodista.

Queira Deus, criador de todas as coisas, abençoar este trabalho pastoral. Outrossim, abençoe todas as pessoas que tiverem acesso a este documento, a fim de que tenhamos uma expressão sadia de sexualidade e, sobretudo, como um dom maravilhoso de Deus para a vida de seus filhos e filhas.

Adriel de Souza Maia
Presidente do Colégio Episcopal

Introdução

Por que falar sobre sexualidade?

Ao apresentarmos esta carta pastoral sobre sexualidade, estamos procurando oferecer subsídios para a reflexão e discussão de temas que resgatem o sentido da sexualidade e que ajudem a compreendê-la como parte integrante da vida - isso é uma das tarefas primordiais da igreja. Entendemos que na sexualidade o ser humano projeta a sua maneira de ser com relação ao mundo, a si próprio e ao outro.

O sentido e a prática da sexualidade estão intimamente ligados ao sentido da vida, à percepção do futuro, às relações entre as pessoas, ao amor e ao cuidado que temos em relação a nós mesmos e aos outros.

Precisamos refletir o quanto a sociedade tem reduzido a sexualidade apenas à dimensão genital (dos órgãos sexuais) ou à reprodução (procriação), retirando dela seu significado principal: constituir as relações entre as pessoas.

Os meios de comunicação de massa têm promovido espetáculos que banalizam a sexualidade, reduzindo-a a um produto de compra e venda,

mera mercadoria. As pessoas muitas vezes são utilizadas como objeto sexual e também têm sua imagem usada para a venda de produtos que vão da pasta de dente ao carro. A sexualidade também tem sido uma forma de intimidação e violência, mais especificamente contra a mulher.

A situação dos nossos adolescentes e jovens, do ponto de vista da expressão da sexualidade, merece atenção especial. Por um lado, o uso comercial da sexualidade tem impregnado e influenciado nossa sociedade. Por outro, geralmente a família, a escola, o sistema de saúde e as igrejas inibem a expressão da sexualidade desses adolescentes e jovens, estabelecendo restrições para suas atividades sexuais e abandonando-os à própria sorte. O resultado disso, muitas vezes, é o fato de a juventude encontrar formas de escapar das restrições que lhes foram impostas e realizar atividades sexuais sem a educação e formação necessárias para a vivência de uma sexualidade saudável e responsável.

Não só os meios de comunicação de massa contribuem para este quadro, mas também a Ciência, que tem compreendido o ser humano de forma fragmentada. Tanto os meios de comunicação como a Ciência tratam o corpo humano de forma dividida e separam as diversas dimensões da sexualidade. Isso quer dizer que a partir daí há lugar para o descompromisso no relacionamento entre homens e mulheres.

Um dos caminhos para levarmos a sexualidade a fazer parte da vida humana como um todo é redescobrimos o corpo como expressão e fala, como algo que percebe o mundo e se relaciona com o que está ao redor. Para conhecê-lo, precisamos vivenciá-lo, olhar para ele na sua totalidade, pois é veículo de comunicação com o mundo, com o outro e com as coisas que nos cercam.

Precisamos falar de sexualidade humana porque somos seres sexuados, isto é, nós temos um sexo. Precisamos falar mais deste assunto que tem sido evitado, transformado em tabu, reprimido e ignorado. Precisamos falar de sexualidade sem associá-la ao pecado, a AIDS, à procriação, à lascívia, ao adultério ou à pornografia. Precisamos falar da sexualidade como bênção, como parte integrante de nossa existência.

O que é sexualidade

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a sexualidade é “uma energia que nos motiva a buscar afeto, contato, prazer, ternura e intimidade. A sexualidade influencia nossos pensamentos, sentimentos, ações, interações e, portanto, influi na nossa saúde física e mental.”

Já o *Dicionário Aurélio*¹, define assim: “Qualidade de sexual; o conjunto dos fenômenos da vida sexual; sexo”. A palavra sexual está assim definida: “pertencente ou relativo ao sexo; referente à cópula; que possui sexo; que caracteriza o sexo”. Ao buscarmos o significado da palavra sexo, encontramos: “conformação particular que distingue o macho da fêmea, nos animais e nos vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas; o conjunto das pessoas que possuem o mesmo sexo; sensualidade, volúpia, lubricidade, sexualidade; os órgãos genitais externos. **O belo sexo.** As mulheres; o sexo amável; o sexo fraco; o sexo frágil. **O sexo forte.** Os homens”.

¹ A. B. H. FERREIRA, *Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa* (São Paulo, 1995).

O *Vocabulário de Psicanálise*² traz para este termo o seguinte: “Na experiência e na teoria psicanalíticas, ‘sexualidade’ não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância, que proporcionam um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual.”

Sabemos que ao tentarmos explicar o que é sexualidade, precisamos ter clareza quanto à importância e à complexidade dela na condição humana. Atualmente, vivemos em um ambiente que dá forte ênfase aos aspectos sexuais. É possível visualizarmos essa tendência até mesmo na definição que o dicionário traz para o termo: “conjunto dos fenômenos da vida sexual, sexo”. Continuando na definição do termo, quando buscamos o significado da palavra “sexo”, a ênfase também é a cópula (união dos órgãos sexuais feminino e masculino) e, um pouco além, palavras como sensualidade, volúpia, genitalidade.

² J. B. PONTALIS & J. LAPLANCHE, *Vocabulário de Psicanálise* (São Paulo, 1988).

Mulher frágil x homem forte

Também encontramos lugares diferentes para homens e mulheres do ponto de vista biológico: a mulher é associada ao “sexo frágil” e o homem ao “sexo forte”. A associação da mulher à fragilidade e do homem à força descaracteriza o ser humano em sua integralidade e tira dele a forma de se expressar como um ser de possibilidades e realizações.

Geralmente, a diferença biológica cria desigualdades entre homens e mulheres, valorizando as atividades atribuídas aos homens. Precisamos refletir sobre a forma como isto pode interferir na sexualidade.

Se formos educados para uma vida baseada na criatividade e no respeito mútuo e não na repressão, educaremos para que haja responsabilidade para com a sexualidade. Transformar os espaços do relacionamento humano em espaço educativo implica termos coragem para quebrarmos o silêncio que muitas vezes é utilizado como medida de repressão e recuperarmos o sentido da palavra “sexualidade”. Abrirmos caminhos para trilharmos uma vivência mais saudável, mais agradável e mais cristã.

Essa tarefa não é muito simples, pois a formação da nossa sociedade, a nossa raiz cultural (o nosso jeito machista de ser) estabeleceu tabus que dividem a sexualidade, e o sexo é apresentado muitas vezes como pecado. Essa formação tem relação com a sexualidade fragmentada, dividida, que pode ser causa das nossas limitações, traumas e medos.

Em nossa sociedade, a demarcação do que faz parte do mundo masculino e do que faz parte do mundo feminino é feita de forma diferenciada: a docilidade e meiguice, bem como a capacidade de cuidar da casa e a paciência são atribuídas à menina; já o menino, por exemplo, deve ser ativo e agressivo. Isso é reforçado pelos brinquedos, atividades, textos escolares, roupas, gestos, linguagem e pelos meio de comunicação de massa.

Diferenças e desigualdades entre os sexos

Toda essa carga de expectativas sociais não combinam com o que os estudos científicos têm apresentado. Eles não confirmam as afirmações de que as diferenças biológicas entre homens e mulheres interferem nas possibilidades de realizações deles. Os homens são tão sensíveis quanto as mulheres e as mulheres são tão inteligentes quanto os homens. O que é próprio das mulheres está na capacidade de engravidar e amamentar; o que é próprio dos homens está na capacidade de ser o pai biológico de uma criança.

A diferença biológica não pode dar lugar a desigualdades e discriminações. Neste formato, ambos perdem: ao menino fica proibida a expressão de seus sentimentos, o que é uma carga de exigência altíssima, pois se relaciona com os aspectos do poder, inteligência, acúmulo de dinheiro e posição de mando. Já para as meninas, a repressão ocorre no plano do poder e da inteligência: elas são preparadas apenas para se-

rem mães, passivas, amorosas e cuidadosas.

A identidade sexual assim formada não atende ao pleno desenvolvimento da personalidade de homens e mulheres, que acabam se sentindo incompletos, pois uma parte deles próprios é negada e reprimida. Isto irá inferir na vivência da sexualidade adulta, e incapacitar para a doação de si mesmo ao outro, para ver no outro o companheiro, o amigo, para dar e receber apoio e segurança interior. A capacidade de tratar o outro de forma gratuita e com cuidado é transformada em relação de dependência. Esses padrões de identidade sexual precisam ser revistos pelas igrejas, em especial pelos adultos, que podem perpetuar essa condição ao transmitir a educação sexual aos filhos.

É preciso lembrar que quando os adultos se relacionam com as crianças, os jovens e os adolescentes, transmitem sentimentos, pensamentos e praticam ações que têm sentido para eles. Essa relação com o outro, essencialmente humana, é lugar de aprendizagem mútua, de crescimento e abertura de novos horizontes. A educação para a sexualidade deve propiciar às crianças, aos adolescentes e aos jovens maior autoconhecimento e a possibilidade de eles construírem a base de um mundo mais fraterno e humano.

O que a Bíblia nos fala sobre sexualidade

Falar da sexualidade humana é falar da vida! Nosso corpo não é apenas uma estrutura biológica: é por intermédio dele que existimos, nos expressamos e nos situamos no tempo e no espaço. Para falar de sexualidade não podemos ignorar a Bíblia, pois as Escrituras Sagradas estão cheias de referências à sexualidade humana. Contudo, não podemos cair no outro extremo e achar que as referências bíblicas são prescrições absolutas ou que a Bíblia é um manual de ética com relação ao sexo.

Os textos bíblicos devem ser vistos sob o pano de fundo de seu tempo, respeitadas as condições culturais e sociológicas que caracterizam sua época. Não existe na Bíblia uma exposição organizada e explícita sobre o tema da sexualidade humana. Encontramos, sim, várias passagens que se referem à sexualidade humana, em contextos diferentes da história do povo da Bíblia.

A sexualidade no Antigo Testamento

O Antigo Testamento, que é um documento que relata aproximadamente mil anos da história do povo

judeu e sua evolução religiosa, engloba diversas teologias e atitudes com relação à sexualidade. Os relatos ou histórias bíblicas foram escritos com diversas intenções e a sexualidade é tratada sob diferentes preceitos.

Nos relatos da criação (Gn 1.1 a 2.4a e 2.4b a 25) encontramos, por exemplo, que a humanidade foi criada à imagem e semelhança de Deus. No entanto, as duas narrativas apresentam diferentes posturas no que se refere ao relacionamento entre os seres humanos.

No primeiro relato (Gn 1.1 a 2.4a), a idéia da procriação e do gerenciamento sobre todas as coisas criadas está relacionada à experiência de autonomia e direito à vida. No segundo relato, a sexualidade humana tira o homem da solidão (Gn 2.24) e o coloca em contato com o seu semelhante, a mulher. É este gesto que faz da sexualidade um comportamento humano. O que une as duas narrativas é o fato de a sexualidade ser descrita como algo bom e desejado por Deus, pois homem e mulher existem devido ao ato criador de sua palavra (Gn 1.26-28; 2.7).

Vários textos no Antigo Testamento referem-se a um período onde as relações humanas foram influenciadas pela forma de matrimônio e de família, onde o pai, como chefe da família, transmitia a tradição, o conhecimento e os costumes. Era ele quem basicamente determinava a descendência e providenciava o casamento dos filhos.

Neste sistema, vários costumes conhecidos hoje como as legislações do Pentateuco (os cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, e Deuteronômio) foram vivenciados: o homem

era considerado como "proprietário" da mulher (Ex 21.3-22; Dt 24.4; 2 Sm 11.26) e a mulher como posse do homem (Gn 20.3; Dt 22.22); o homem, caso lhe parecesse bem, podia revogar o voto feito por sua mulher (Nm 30.10-14). No livro de Deuteronômio, encontramos uma modificação nos Dez Mandamentos (Dt 5.21), onde a mulher deixa de ser e de fazer parte da lista dos bens do marido.

A apropriação do corpo da mulher é uma experiência cultural que marcou não só o povo judeu durante o processo de redação dos textos bíblicos, como também ainda determina as relações humanas hoje. No entanto, encontramos na Bíblia outros textos que retratam experiências da sexualidade humana sob outros aspectos que não reforçam essa idéia do corpo como objeto.

No livro de Cantares de Salomão, coleção de poemas sensuais, o amor humano é descrito do início ao fim. A Igreja Cristã teve muita dificuldade em conviver com esta Escritura e por esse motivo sua leitura foi reduzida apenas à uma interpretação simbólica: o amor de Deus pela Igreja. Precisamos libertar as Escrituras dos tabus e dos preconceitos com relação à sexualidade encontrada no livro de Cantares. É um livro de poemas eróticos e, por este motivo, talvez haja razão para tantas controvérsias e interpretações a seu respeito.

O livro de Cantares usa uma linguagem erótica de grande beleza poética: descreve com arte o jogo do amor (Ct 4.9-15; 5.2-8); evoca com naturalidade a relação sexual (Ct 2.4); não fala da mulher como esposa ou mãe, mas sim como enamorada que busca o seu amado até encontrá-lo (Ct 3.1-4); descreve a be-

leza do corpo da mulher em todas as suas minúcias (Ct 4.1-7); chega a fazer uma descrição da beleza do corpo do homem (Ct 5.10-16); fala do amor humano não como fonte de procriação, mas como busca amorosa e de entrega mútua (Ct 2.16; 6.3).

A sexualidade no Novo Testamento

No Novo Testamento, nos relatos sobre a vida de Jesus, encontramos gestos e atitudes mais abertas para as relações humanas sob a orientação do respeito e carinho. O ensino dos Evangelhos não proclama uma nova ética sexual, rompendo com a legislação judaica, mas coloca o homem e a mulher em igualdade no relacionamento.

Encontramos várias referências nas palavras de Jesus que dão prioridade às relações que se baseiam na proteção. Ao interpretar a lei do divórcio, por exemplo, Jesus limita a autoridade do homem, protegendo a mulher contra a exploração masculina e contra a idéia de propriedade. Jesus a vê como companheira do homem na vida matrimonial (Mc 10.2s). Outro bom exemplo é o ensino universal de “amar ao próximo como a ti mesmo” que implica, necessariamente, uma relação de conhecimento e respeito mútuo.

Também encontramos no Novo Testamento, na Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, uma exposição sobre a sexualidade. Condicionado pela idéia da volta de Jesus a qualquer momento, o apóstolo coloca o celibato acima do casamento (1 Cor 7.7; 34;

38; 40). O tempo era curto (1 Cor 7.29) e ele queria ver os cristãos de Corinto desimpedidos (1 Cor 7.32). Contudo, Paulo não pregava a abstinência sexual nem comungava com a idéia de que sexo era pecado (1 Cor 7.2 e 3, 9). Em 1 Coríntios 7.5, ele concorda com a abstinência sexual por um breve período, a fim de que o casal pudesse se dedicar à oração.

A Bíblia, entretanto, não estabelece regras quanto à periodicidade, o tempo, a maneira ou as posições como as relações sexuais devem acontecer. Este é um expediente que o casal deve definir, procurando atender e satisfazer-se mutuamente. A Bíblia também não define limites nem estabelece regras para o exercício da afetividade entre as pessoas. No entanto, a busca de novos relacionamentos, por um sentimento de fraternidade, deve ser uma experiência de todos seres humanos. O verdadeiro amor não constrange, antes, promove relações de respeito mútuo.

Como a sexualidade se manifesta nos diferentes momentos da vida

Infância

Desde o nascimento a criança tem a capacidade de sentir prazer no contato pele a pele.

Assim que nasce, a criança é rotulada com uma determinada identidade sexual (menina ou menino) e lhe é atribuído um papel que é considerado próprio desta identidade (ser como menina ou como menino).

Além da atribuição de identidade e de papel, são importantes para o desenvolvimento da criança as relações que ela mantém com as pessoas que cuidam dela, especialmente aquelas a quem se vincula afetivamente (as chamadas figuras de apego).

Durante os primeiros anos de vida, o vínculo afetivo com o pai e a mãe (ou quem os substitui) tem importância fundamental na vida sexual e afetiva da criança. É nesta relação com as figuras de apego que ela aprende a tocar e ser tocada, a olhar e ser olhada, a comunicar e entender o que os outros dizem. É também com essas pessoas que a criança adquire segurança emocional básica que permite a ela se abrir confiantemente a outras pessoas, acreditar nas suas

possibilidades e superar, se necessário, as decepções afetivas que possam ter ao longo da vida.

Dos 2 aos 6 anos, é comum a curiosidade em relação aos órgãos genitais, às diferenças entre meninos e meninas e ao processo de reprodução. Daí surgem tantas perguntas (que às vezes embarçam os adultos) e também os jogos sexuais, o olhar, o tocar a si e ao outro. Firma-se a compreensão da identidade como menino ou menina.

É importante que as crianças vejam as pessoas que lhes servem de modelo (pais, professores e outros) vivenciarem sua própria sexualidade de uma forma natural e alegre. No decorrer dos anos, será possível que as crianças ampliem e enriqueçam a percepção de si próprias, dos outros e do mundo, mas é essa base que imprime marcas que se perpetuam ao longo da vida. A convivência com adultos que tenham uma sexualidade mais bem elaborada facilita o desenvolvimento da criança em todos os aspectos da vida.

A partir dos 6 anos, no final do período pré-escolar, as crianças começam a adaptar-se à moral sexual adulta e fazem os primeiros esforços para controlar sua conduta. Aprendem a esconder seus interesses e comportamentos sexuais, especialmente em culturas como a nossa, que inibe e persegue as manifestações da sexualidade infantil.

Do ponto de vista sexual, a sociedade, por intermédio dos diferentes agentes da socialização (família, professores, amigos, meios de comunicação, literatura infantil, práticas escolares, etc.), continuam atribuindo às crianças identidades e papéis determinados. Exercem um controle sexual da conduta, às

vezes discriminando as meninas. Durante este período, a educação sexual pode ser facilitadora ou não para uma sexualidade saudável, dependendo do seu conteúdo.

As mudanças do corpo são relativamente lentas até o início da puberdade, período em que há grandes modificações físicas devido ao aumento dos hormônios sexuais. Na menina, começam com o crescimento das mamas e no menino com o crescimento dos testículos.

Nesta fase, os meninos e as meninas adquirem a permanência da identidade sexual, reconhecendo que ela depende das características biológicas do próprio corpo, principalmente dos órgãos genitais externos. Começam também a diferenciar os papéis que a sociedade atribui a homens e mulheres. Sabem com maior precisão o que se espera deles e têm a capacidade de compreender que muitas destas atribuições têm origem cultural e percebem o caráter discriminatório de algumas delas.

A maior parte das manifestações sexuais pré-adolescentes resulta da curiosidade quanto ao funcionamento dos órgãos sexuais e da tendência a imitar o que fazem os adultos. É também freqüentemente relacionada com a busca do prazer. A prática mais freqüente neste sentido é a masturbação (manipulação dos órgãos sexuais pela própria pessoa a fim de experimentar a sensação de prazer).

Na nossa sociedade, o verdadeiro risco não são os contatos sexuais entre meninos e meninas da mesma faixa, mas os praticados por pessoas com 5 ou 10 anos a mais, quase sempre adultos, que abusam sexualmente de meninos e meninas. Os abusos sexu-

ais na infância são, lamentavelmente, muito frequentes e podem deixar marcas desfavoráveis ao desenvolvimento sadio sob todos os aspectos.

É importante desmistificar a idéia de que a educação sexual estimula ou aumenta as condutas sexuais, pois não há provas disto. O que pode e deve aumentar é a liberdade para se perguntar, o respeito nas relações, a proteção frente a pessoas adultas que tentem abusar delas e a diminuição da culpa ou do medo por causa de condutas que são naturais para a idade.

Adolescência

A adolescência é o período da vida humana caracterizado por intensas transformações no corpo e na mente. Transformações que implicam a compreensão do significado da perda do corpo infantil e da identidade infantil; a mudança na relação com os pais da infância, e a percepção de si mesmo, do mundo e dos objetos. A sexualidade nesse momento passa por uma fase de descobertas, de reações corporais antes desconhecidas.

A presença da menstruação nas meninas e a produção de esperma nos meninos, desencadeia mudanças no estado de humor e exige um processo de adaptação a esse novo corpo adolescente. A identidade pessoal passa por transformações, pois não se é mais uma criança, mas ainda não se chegou à fase adulta.

O adolescente mistura muitas vezes atitudes infantis e exigências de maior liberdade. É marcante a presença do grupo de amigos que, neste período, exerce o papel de identidade partilhada. O adolescente pensa o que o grupo pensa, o que o grupo faz, adotando os padrões sexuais dele.

A sexualidade neste período manifesta-se também na relação com o próprio corpo - auto-erotismo (masturbação) ou com outras pessoas (carícias, beijos, abraços, relações sexuais).

A masturbação na adolescência pode ter diversos significados e funções: obter prazer, descarregar a tensão sexual, conhecer o próprio corpo. Ela pode constituir uma conduta positiva no processo de desenvolvimento sexual, desde que não produza danos emocionais, muitas vezes causados pela proibição, que leva os adolescentes ao conflito entre o que sentem e o que lhes é proibido. Por isso o esclarecimento sobre o assunto é de suma importância.

Juventude

Na juventude, a sexualidade já tem possibilidade de ser vivenciada de forma mais integrada. A entrada na vida adulta permite que o jovem tenha respostas mais bem elaboradas às indagações da adolescência, atitudes mais coerentes em relação a si mesmo e ao outro, e, dessa forma, um maior controle sobre si mesmo.

O corpo já não vivencia o turbilhão da adolescência, já está mais adaptado às mudanças ocorridas e à uma imagem corporal mais harmônica. Isto não implica a ausência de conflitos em relação à sexualidade. Muitos estão na fase do namoro e precisam também de um espaço onde possam conversar mais livremente sobre suas dúvidas. A modificação que ocorre neste momento é que o grupo de amigos já não exerce o poder que tinha na adolescência.

O jovem já tem a capacidade de discernir quais são seus desejos, suas expectativas, e de tomar posicionamento próprio diante das questões relacionadas à sexualidade. Contribuem para essa formação a história pessoal de vida, o relacionamento primário com os pais na infância, as pessoas significativas presentes em sua trajetória, o rol de princípios éticos adquiridos na escola, igreja ou em outros grupos de convivência. Estas experiências proporcionarão a estrutura sobre a qual o jovem construirá seu posicionamento em relação à sexualidade, à maneira de perceber-se, à identidade sexual, passando a estabelecer relações mais saudáveis e duradouras.

Idade adulta

Na idade adulta, a sexualidade se apresenta mais integrada à totalidade do ser, pois espera-se que o desenvolvimento físico, psíquico e emocional tenha atingido a maturidade. Com a elaboração mais adequada da personalidade, desenvolve-se a capacidade de estabelecer intimidade com o outro de forma mais plena, o que acontece também na dimensão do ato sexual. Há um aprofundamento no conhecimento de si mesmo e do corpo, o que possibilita a responsabilidade com a vida sexual.

A maneira como homens e mulheres adultos vivenciam a sexualidade tem ligação íntima com a trajetória de vida. O desenvolvimento adequado e integrado da sexualidade nas fases anteriores enriquece o encontro adulto e permite a expressão dos sentimentos sem culpa. O encontro que ocorre no ato sexual abre horizontes para o conhecimento mútuo, para a experi-

ência de satisfação e prazer; é a intimidade suprema de dois seres no encontro mais rico e mais completo.

É importante que a compreensão da sexualidade seja ampla e não reduzida apenas ao ato sexual e à reprodução, embora se organize neste momento sob o domínio da genitalidade. Desvincular o ato sexual da reprodução facilita aos adultos uma vivência mais plena de sua sexualidade, pois o encontro entre duas pessoas pode ocorrer sem que haja o desejo de se ter filhos.

Nesta fase, a sexualidade pode ser expressa em diferentes níveis de intimidade: *biológica* - ligada ao prazer e à procriação; *psicológica* - como forma de comunicação interpessoal e afetiva; *sócio-cultural* - como importante contribuição ao desenvolvimento da pessoa e da afetividade; *cognitivo* - pensar e refletir, cuidar consigo e com o outro. O exercício da sexualidade saudável na idade adulta possibilita vivenciar de maneira mais plena essas quatro dimensões do relacionamento interpessoal.

Terceira idade

Falar da sexualidade na terceira idade significa perguntar: O que passa a ser o relacionamento de homens e mulheres consigo mesmos, com os outros e com o mundo no momento que a vivência da sexualidade não está mais sob o domínio da genitalidade?

Isto não implica que o idoso não tenha desejos ou esteja incapaz de ter uma vida sexual ativa. As pessoas na faixa etária após os 60 anos, segundo pesquisas realizadas, dão à relação sexual a mesma importância que os jovens e podem se apaixonar tão intensamente quanto eles. Ocorre uma adequação da capa-

cidade sexual devido às mudanças do corpo e também por causa da maneira como a sociedade lida com a sexualidade do idoso - fator que interfere no jeito de ser e pensar do indivíduo, que passa a repetir o que se fala e se acredita no meio em que vive.

É importante lembrarmos que a função sexual está intimamente ligada às funções fundamentais do ser humano e deve acompanhar o indivíduo até a morte, a menos que ocorra algum problema específico na saúde física ou mental que provoque alteração ou diminuição das funções sexuais.

Não há uma relação entre velhice e inibição sexual. O que ocorre é uma adaptação na capacidade sexual, muitas vezes influenciada pelos tabus criados quanto à sexualidade do idoso.

A imagem que a sociedade faz da velhice impede muitas vezes a expressão natural dos desejos, sentimentos e reivindicações, que podem ser interpretados como atitudes escandalosas. A depreciação que a sociedade mantém em relação à sexualidade do idoso o leva muitas vezes a um estado de retração sexual, isto é, de repressão dos desejos e sentimentos.

Ao contrário do que comumente se fala e se pensa, a vivência plena da sexualidade na terceira idade traz inúmeros benefícios, entre eles a saúde mental, à medida que representa uma das formas de as pessoas perceberem sua própria identidade (quem são) e o impacto que causam nas outras pessoas, o que fortalece a auto-estima. A compreensão de que a sexualidade é um direito do idoso, de que ela está intimamente ligada à sua auto-estima, é responsabilidade de todos que estão direta ou indiretamente em contato com ele.

Algumas pistas pastorais

As reflexões desta pastoral apontam para possibilidades de uma sexualidade mais saudável, entendendo-a como uma maneira de ser no mundo, como parte integrada de nossa personalidade desde o nascimento até a morte. Ela deveria ser instrumento de realização, de gratificação e proximidade, porém, muitas vezes tem se transformado em lugar de opressão, frustração e sofrimento.

1. Como espaço essencial de relacionamento humano, a sexualidade implica a reciprocidade, a capacidade de as pessoas abrirem-se para o outro em igualdade - estes são princípios éticos cristãos.

Por entendermos que a sexualidade faz parte integral da existência humana do nascimento até a morte, chamamos a atenção para a responsabilidade das pessoas adultas que estão direta ou indiretamente se relacionando com crianças, adolescentes e jovens. Isto implica também a maternidade e a paternidade responsáveis, pois os pais irão transmitir aos filhos o sentido da sexualidade que eles mesmos possuem. A atitude que os pais têm para com os filhos no falar e no agir é o referencial que a criança terá para formar a percepção de si mesma, do outro e do mundo.

A coerência entre a fala, a atitude e a capacidade de dar afeto e amor à criança são fundamentais nos primeiros anos de vida. No crescimento é que se vai

ampliando a rede de relacionamento humano que possibilita novas aquisições e aprendizagens à criança. É importante que estejamos conscientes de que nossas atitudes podem ser educativas. Porém, para isto ocorrer, é preciso que também os adultos estejam constantemente se educando para a vida. Isto possibilita a base para uma moral sexual fundamentada no conhecimento, no respeito mútuo, na responsabilidade e na liberdade.

2. Para que os pais, educadores e profissionais de saúde possam facilitar o processo de amadurecimento do comportamento sexual do jovem, é importante, em primeiro lugar, que eles avaliem e reestruturam suas próprias atitudes quanto à sexualidade. É preciso buscar conhecimento do fator sexual humano no plano biológico, psíquico e social, em substituição à concepções errôneas, baseadas em preconceitos e crenças infundadas. Em segundo lugar, deve-se criar condições favoráveis para que o jovem possa expressar seus desejos, seus medos, suas dúvidas e refletir sobre seu comportamento.

Na relação que se estabelece desde cedo no espaço das igrejas, das escolas dominicais, das escolas bíblicas de férias, e em outros momentos, os adultos podem ser referenciais saudáveis para que crianças e jovens estabeleçam de forma mais adequada sua sexualidade.

3. É comum em nossa sociedade a negação da sexualidade infantil, o que propicia oportunidades para que adultos, no uso de sua autoridade, muitas vezes abusam sexualmente das crianças e adolescentes. Um

trabalho na área da sexualidade deve contemplar a prevenção do abuso. Isso deve ser feito a partir de conversas francas sobre o cuidado que eles devem ter com o próprio corpo. Também é preciso que eles sejam estimulados a denunciar qualquer situação que os obriguem a realizar práticas com conotação sexual (passar a mão, falar palavras com conteúdos eróticos, ser tocado ou solicitado a tocar, etc.), especialmente se essa intimidação partir de algum adulto. Deve-se considerar que esses fatos podem se dar na própria família ou em ambientes aparentemente confiáveis.

4. Na adolescência, a curiosidade de vivenciar novas experiências, aliada ao pensamento mágico de que não haverá conseqüências, leva a dificuldades no trabalho de conscientização quanto aos riscos da gravidez e da contração da AIDS. Para o adolescente, isto pode acontecer com qualquer um menos com ele.

Neste período da vida, a igreja pode colocar-se como espaço saudável, onde os adolescentes e os jovens possam exprimir seus sentimentos, falar sobre suas dúvidas e medos, promovendo encontros onde se discutam temas ligados à sexualidade humana.

Se não oferecermos em nossas comunidades esse lugar, certamente eles o encontrarão fora da igreja, sendo que o que é transmitido nesses espaços nem sempre está em acordo com os princípios ético-cristãos de responsabilidade em relação ao próprio corpo, de compromisso, e de capacidade de amar e cuidar. O que temos visto é a exigência de uma "atividade sexual" descomprometida e fragmentada, onde a figura do adolescente e sua sexualidade são veicula-

das com um forte apelo à atividade sexual precoce do tipo "sabe mais quem começa mais cedo".

É importante transmitirmos para os adolescentes e jovens que o aprofundamento da intimidade que vem junto com o relacionamento sexual exige a capacidade de comprometer-se com o outro. Muitas vezes um adolescente ainda não está pronto para assumir isso, pois a maturidade sexual necessária para compromissos dessa natureza deverá acontecer na entrada para a vida adulta.

5. Para que os casais preservem a harmonia da sua relação conjugal, é preciso manter seu próprio espaço, sua privacidade, cultivando a intimidade, o "namoro", a espontaneidade na relação sexual. Isso evita que, com o passar dos anos de convivência, a mesmice e a habituação destruam a relação e causem o desinteresse que pode levar à monotonia ou à separação.

6. A igreja, como comunidade terapêutica, ou seja, como comunidade que está pronta para ajudar a quem necessita tratar problemas emocionais ou existenciais, deve abrir espaço para o trabalho educativo e preventivo no que se refere à sexualidade. A igreja deve ser estimulada à organização de um ministério local para o trabalho com casais e com a família. Este ministério deve ocupar os espaços já existentes, como por exemplo a Escola Dominical, e formar uma classe para casais, caso seja necessário. Outra atividade que pode ser estimulada são os "encontros com casais". Nessas oportunidades, além do lazer, os envolvidos podem refletir sobre temas que fazem parte do seu cotidiano.

Bibliografia

- BRENNER, Charles. Trad. Ana Mazur Spira. *Noções básicas de psicanálise*. São Paulo: Imago, 1987.
- CHODOROV, Nancy. Trad. Nathanael C. Caixeiro. *Psicanálise da Maternidade: Uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.
- COSTA, Moacir. *Sexualidade na Adolescência, dilemas e crescimento*. Porto Alegre: L & PM Editores, 1986.
- DESSER, Nanete Ávila. *Adolescência, sexualidade e culpa*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos & EDUNB, 1993.
- FOUCAULT, Michel. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- GILLIGAN, Carol. Trad. Nathanael C. Caixeiro. *Uma voz diferente: Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.
- LOPES, Félix. *Para comprender la sexualidad*. Espanha: Verbo Divino, 1990.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Trad. Reginaldo di Piero. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro & São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1971.
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a Sexualidade*. Campinas: Papirus, 1987.

PONTALIS, J. B. & J. LAPLANCHE. Trad. Pedro Tamen. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Revista Tempo e Presença. *Idosos, dignidade, cidadania, utopia*. Rio de Janeiro: CEDI. Número 264, ano 14.

ROCHA, Edésio Oliveira. *A busca de uma pastoral educativa e preventiva junto a casais na perspectiva da sexualidade humana*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior, 1994.

TIBA, Içami. *Adolescência : o despertar do sexo*. s/d.

VAINFAS, Ronaldo. (org.). *História da Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

VALSECCHI, Ambrógio. *Nuevos caminos de la ética sexual*. Espanha: Ediciones Sígueme, Salamanca, 1974.

VIDAL, Marciano. *Ética de la sexualidad*. Madrid: Tecnos, 1991.